

A Bela e a Fera

Introdução

A Bela e a Fera é um tradicional conto de fadas francês. Originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, tornou-se mais conhecido em sua versão de 1756, por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont, que resumiu e modificou a obra de Villeneuve. Adaptado, filmado e encenado inúmeras vezes, o conto apresenta diversas versões diferentes do original que se adaptam a diferentes culturas e momentos sociais.

Apresentação

O conto "A Bela e a Fera" relata a história da filha mais nova de um rico mercador, que tinha três filhas, porém, enquanto as filhas mais velhas gostavam de ostentar luxo, de festas e lindos vestidos, a mais nova, que todos chamavam de Bela, era humilde, gentil, e generosa, gostava de leitura e tratava bem as pessoas.

A Bela e a Fera



Era uma vez um príncipe egoísta que um dia não prestou ajuda a uma velhinha que a solicitou. Só que esta era uma bruxa e gritou uma maldição: – Julgas-me indefesa! Pela tua falta de piedade condeno-te a viver a partir de hoje como uma Besta. A transformação foi imediata! O destino da fera ficaria ligado ao de uma rosa encantada, que viveria até que ele chegasse aos 21 anos. Então os dois morreriam. A menos que alguém o amasse! – Mas que mulher gostará de mim assim? Anos depois, numa aldeia próxima, já tinham esquecido o sucedido. Ali residia Bela, moça bonita, que gostava muito de ler e que era cortejada por diversos moços.

Uma noite Maurício, o pai de Bela, perdeu-se no Bosque e, depois de muito caminhar, chegou ao castelo de Besta. Chamou, chamou e, como ninguém acesse e a porta estivesse aberta, entrou e sentou-se junto da lareira, para se aquecer.

- Invadiste a minha casa, velho! - gritou Besta. - Sou um inventor... suplicou Maurício. - Juro que não direi a ninguém que o vi... Deixe-me ir embora...



- Cala-te. - rugiu Besta. - És meu prisioneiro! Dias depois, Bela entrou no castelo, quando andava desesperada em busca do pai. - Alguém me ouve? Besta apareceu e levou-a à cela do pai. - Velho, vai-te embora, mas se contares a alguém o meu segredo, não verás mais a tua filha! Noite dentro, Besta lembrou-se que deveria conseguir o amor sincero de uma mulher... Mas como? Com pena de Bela, conduziu-a a um grande e confortável quarto. Deu-lhe de comer e portou-se com a máxima educação. E ofereceu-lhe um lindo vestido. No dia seguinte, ao entrar na biblioteca do castelo, ficou espantada. - Nunca vi tantos livros. Já os leu todos? - Não, respondeu Besta. - Creio que é mais humano do que aparenta, senhor!

Continuando o mostrar-lhe o castelo, entraram na sala aonde se encontrava a rosa mágica. - Está a morrer! - gritou ela. - E eu morro com ela! - disse tristemente Besta.

Entretanto Bela voltou à aldeia, para salvar o pai que, por ser inventor, o povo achava louco. E no afã de apresentar argumentos falou do castelo e do seu dono, salientando a bondade deste. Mas ninguém acreditou nela. E os camponeses armaram-se com forquilhas e enxadas para matar Besta. Bela adiantou-se e, correndo quanto podia, conseguiu chegar primeiro ao castelo. E avisou o príncipe do perigo que o espreitava. Mas, já muito farto da vida que levava, ele não quis lutar. Um dos camponeses feriu-o com um punhal e empurrou-o de uma varanda do castelo. – Vou ajudarte! – gritou Bela. – Não podes morrer! Correu até ao jardim e beijou com amor Besta, tentando reanimá-lo. Milagre, este voltou a ser o príncipe que antes fora. Mas nunca mais egoísta e cruel. O castelo encheu-se de vida. E logo depois veio a boda dos dois enamorados, que viveram felizes para sempre.

Conclusão

O conto nos convoca a pensar a necessidade de em alguns momentos “sentar-se à calçada” e olhar para a “ferida da perna”. E, por outro lado, permite-nos o sentimento de que não se pode perder o sentido da vida, que está, por exemplo, no texto literário, nas palavras, nas relações mais saudáveis, e por que não, na utópica ecologia social; não se pode perder a esperança nos suaves milagres, apesar das “feridas grandes demais”.

